

O “AQUI” HETEROTÓPICO ATLAS DE UM JARDIM SUSPENSO NA MEMÓRIA

ALINE CRIVELARI

Artista visual e pesquisadora em Artes, arte-educadora, curadora e produtora cultural, fundadora e gestora do espaço Casa-galeria-ateliê-jardim de cerrado Cata-vento. É nascida em São Paulo e residente em Brasília, onde se licenciou em Artes Visuais pela UnB. Pesquisa e expressa, em múltiplas linguagens em artes visuais, experiências e possibilidades relativas à ocupação de espaços, ao caminhar no mundo, ao atravessar e habitar paisagens materiais e imateriais, investigando questões relativas a um pensamento sobre (des)fronteiras e outras heterotopias.

Um “aqui” heterotópico: um jardim suspenso na memória; um refúgio do antes, do durante e do agora, acessado por uma cartografia sentimental. Um “aqui” que é ilha, onde histórias da infância no jardim-selva de uma tia, do percorrer paisagens pelo mundo e do jardinar compuseram o atlas de um jardim endêmico, mas feito da substância de todo o mundo em movimento.

**jardim,
paisagem,
espaço,
heterotópico.**

O Jardim de minha tia. Paisagem? Certamente, ao alcance de olhos situados a um único metro de altura do solo, no movimento acelerado de pontos de vista distintos de criança energética, ansiosa pelo conhecimento de mundo, olhar que em seu deslocamento percorre pequena propriedade como latifúndio de experiências, emoções e memórias, e faz daquilo sua paisagem. Paisagem sim. A própria cartografia sentimental.

Paisagem mesmo, vista, agora, do alto de um metro e setenta e um centímetros, de longos anos de distância, a partir da superveniência de outros e muitos jardins mundo afora? Do Google Maps, dos satélites? Figura retangular familiar, cravada em coordenadas geográficas na tela do celular, no bairro na zona oeste de São Paulo. Tamanho compreendido em medidas comerciais, estabelecidas, enfim, a partir da tecnologia que sucedeu. Visão espacial do terreno trivial. Seria uma cartografia meramente mercantil, não fosse assim, tão sentimental.

Na foto antiga, enganchada no colo da minha tia, eu percorria a vastidão daquele jardim em tempo próprio, qualificado, cheio de significados. Da fotografia, sinto o tato da folha de veludo verde, perfumada ao se amassar, ela demarca a passagem para o segundo quadrante do Jardim, sua parte mais bonita.

Eu ainda não andava sozinha ali, emancipação que chegou lá pelos seis anos, porque o Jardim, é preciso registrar, tinha fronteiras longínquas, horizonte a perder de minha vista, taturanas à paisana, muros ultrapassados por sons de brigas, brincadeiras de crianças maiores, festas nas quais nunca fui.

O salgueiro em primeiro plano, a esconder os segredos do Jardim, alcançados após desembaraçar os cabelos das folhas e galhos da árvore lasciva. Às vezes doía. O salgueiro, porteiro da paisagem do Jardim, este um recorte encantado no panorama menos atraente do bairro. O Jardim era uma ilha.

Da janela do quarto da tia, do andar de cima do sobrado, mirante do horizonte do Jardim, sobre ele conversávamos, e sobre a penteadeira da tia, a caixa de esmaltes e os brinquedos do porão também.

As copas de suas árvores, o mar de folhas esparramado pela vizinhança, o finzinho da casa do vizinho da direita, que não tinha árvores, nem grama sequer, o puxadinho da venda de salgadinhos de isopor e chicletes, e alguns telhados de casas à esquerda, intercalados com árvores, acompanhavam a curva da rua: essa era a paisagem da qual era protagonista o Jardim, soberano do conceito de paraíso natural da infância.

Nas expedições ao Jardim, eu frequentemente voltava com uma relíquia da paisagem, uma pedra de bolso mais bonita, uma joaninha morta, uma notícia. Quase sempre uma flor caída, outra roubada, impedidas de virem confete pisadas no chão do meu carnaval inventado no Jardim.

Uma vez, voltei com um anel localizado por escavações nas proximidades das bananeiras, o qual, segundo a tia, devia ser de uma amiga que tinha partido o coração. Outra vez, criança inconveniente, trouxe à tona, extraído da terra da quina direita do fundo do Jardim, cavoucado por tarde e manhã inteiras, o crânio do cachorro falecido e, da tia, saudades e duas lágrimas.

A catalogação da fauna e flora e de outros elementos daquela paisagem – selva que subestimavam jardim –, feita por expedicionária incansável, desbravadora de solo, subsolo, espaço aéreo, escadas esquecidas nos muros e conversas da tia com terceiros pelo Jardim: rosas de todas as cores e perfumes, marias-sem-vergonha, risadas de vizinhas, mariposas, a presença onipotente da tia, limoeiros, o mistério do dia caindo, gerânicos, uma vez um tucano, arrudas, azaleias, visão do céu quando deitada na grama, erva-cidreira, sobre a festa na igreja, româzeira, sons de brincadeiras de outras crianças, sapatinho-de-judia, margaridas, o pequinês Fofo, helicônias, pitangueiras, taturanas, bem-te-vis, camélias, sobre o passado da família em Avaí, erva-doce, aranhas, frutas se espatifando no chão, o córrego, meu pai passeando lá de vez em quando, plumérias, brincadeiras já com minha irmã lá pelos meus seis ou sete anos, brincos-de-princesa, joaninhas, medo do gato que cegou o Fofo passeando no muro, jaboticabeira, tia chamando pro almoço, agapantos, terra, gritos e xingamentos vindos da vizinhança, pedras, às vezes cigarras, cerejeira-do-rio-grande, estrelas cadentes que nunca fui rápida para ver também, borboletas, laranjeiras, pai chamando pra ir embora pra casa que triste, alamandas, vista do terreno do vizinho a partir da escada esquecida no muro, abacateiro, clerodendros, jasmim, cabeça de vizinho espiando no muro, lanterninha chinesa, salgueiro, videiras, pernilongos, vento na cara, sobre a doença da prima, minhocas, silêncio para não espantar beija-flor, hibiscos, alfaces, formigas, marias-fedidas, coreópsis, moscas, girassóis, tia chamando porque começou a escurecer, primaveras, mangueiras, lagartixas, bananeiras, frutas caídas, abelhas, inverno, chuchu, maritacas, alfazema, sobre o bisavô que não falava português e tratava diferente os netos, vincas, azulzinhos, begônias, tia catando verduras e ervas, escorpião, copos-de-leite, jaboticabeira, peixes, belas-emílias, amoreiras, lagartas, sobre a visita do namorado da tia, lírios, espionagem da avó que ainda não tinha morrido, espadas de São Jorge, onze-horas, glicínias, marimbondos, folhagens, galinhas perdidas, cheiro de terra molhada, arco-íris.

Houve o dia em que minha tia me contou sobre plantas que nascem no Jardim sem que ela as tivesse plantado. Não me surpreendi porque no Jardim entravam e saíam pássaros e insetos, e alguns nunca voltavam, só se podendo contar mesmo, e olhe lá, com borboletas de asas preto com laranja.

O Jardim abrigava a diversidade e minha tia, como podia, o gerenciava. Se ele era de nós bem conhecido, é fato que era também indomável. Insubordinado. Aprendi com o Jardim que a gente nunca é dona do jardim, ainda que haja papel passado.

Os caminhos, as trilhas – oficiais, selvagens e proibidas –, os atalhos, os contornos, as zonas de perigo e do escondido, as sobreposições paisagísticas, as estações do ano, as sombras movediças, os perfis do Jardim ao longo do dia: elaborei para ele um guia fundamental.

“Siga em frente com as roseiras e, ao alcançar o girassol, estique mais o olhar à frente, dirija-se ao bananal, à direita encontrará as grandes teias de aranha onde os muros fazem quina ao sul e onde ninguém nos vê da janela da tia, nem mesmo a avó quando ainda viva”.

“Vire à direita nas alfaces, desvie do salgueiro e, retomada a visão e desvencilhados os cabelos, vire à esquerda após passar pela pitangueira, siga reto passando pelos limoeiros e laranjeiras e, à sua frente, estará o pé de romã, onde encontrará o campo minado de mangas, e também a melhor sombra”.

“No segundo tronco da grande mangueira, por entre galhos e folhas, verá flashes do terreno tumultuado do vizinho de trás. Em caso de queda, encontrará folhas secas e raízes protuberantes: nada doe. Ninguém viu”.

O Jardim era dividido em regiões: por tipo de diversão ou brincadeira, grau de eficiência do esconderijo e riscos envolvidos. As transpaixagens do Jardim: castelo de mangueira, zona do inimigo no entre bananeiras, barco no tronco derrubado na cerca da horta, torre na escada esquecida no muro do jardim, onde o vento balançava o cabelo e a fabulação adquiria requintes de realidade. Os espaços heterotópicos da infância.

E havia o território do além muros, do superimaginado, daquilo que nem do mirante se via, mas que vi em parcelas a partir do segundo tronco da mangueira de onde caí, das fronteiras entre o visível e o invisível – o feito essencialmente de cheiros, vozes, ruídos e especulação –, das dobras misteriosas da minha paisagem, do que se construiu dentro de mim.

Sobre o Jardim à noite, seu acesso era restrito, sob acompanhamento da tia com lanterna. Na divisa com os fundos, depois das bananeiras, já no território das grandes teias de aranha, fronteira, ficava o muro que seria escalado à noite por um esperado ladrão que nunca apareceu. As águas do córrego que cortava o Jardim, onde vi uma cobra pequena fugir e peixes comerem pernilongos e mosquitos, ficavam tormentosas no escuro. Haveria ali, no Jardim, em subpaisagens, covas como aquela para onde foi a avó?

Era assim a sobrepaisagem noturna do Jardim, que se instalava tal qual cenário novo na mudança de atos do balé: cortinas abertas, a visão escolhida pelo que a iluminação artificial pudesse alcançar, outros ventos, cores, sons e aromas, outro tempo, outra música, outras emoções naqueles que o percorriam, visão carregada de não vistos, visões internas fabulosas e supostos perigos. Deslocamento peculiar do olhar.

Assim que o Jardim jamais obedeceu aos supostos limites físicos da propriedade supostamente privada de minha tia, nem se submeteu às coordenadas geográficas capitalistas descritas na matrícula do registro de imóveis.

Minha paleta de lápis de cor fornecida pela tia jamais alcançou os seus degradês, arco-íris presos nas romãs, mangas e penas de galinhas, nem mediante improviso com os esmaltes da tia e, um dia, com seu batom.

Ao longo dos anos, imbuída do Jardim, expandi e reconfigurei as perspectivas dessa paisagem, conectando-lhe outras paisagens experimentadas, naturais e urbanas, jardins, selvas, savanas, rios, estepes, florestas, montanhas, falésias, pampas, cerrados, lagoas, desertos, geleiras, céus, cânions, caatingas, vales, sertões, mares, mangues, chapadas, pântanos, ilhas, fiordes, oceanos, cavernas, tepuis, praias, ares, estradas, cachoeiras, cosmos.

Reuni em mim essas paisagens originalmente dispersas.

No Jardim há hoje um arbusto bem podado da Praça da Paz Celestial, flores pequeninas de Khajuraho, folhas secas caídas da Praça Benedito Calixto voando em redemoinho, uma palmeira do Majorelle, o tempo que parou no pôr-do-sol de Creta, uma roseira do Jardim Botânico de Wellington, as árvores que plantei em dez anos em Brasília, o piquenique embaixo da cerejeira de Kyoto, um pé de arruda do meu pai, as músicas de todas as noites voltando pela Praça da Constituição na Cidade do México, areia nos bolsos vindas das estepes da Mongólia, o silêncio das alamedas de Muir Woods, poeira das savanas da Tanzânia, plantas da varanda do Maurício, a estrela-do-mar do Mar Vermelho, o sapo amarelo do Monte Roraima, todas as árvores da Amazônia, uma peônia negra do parque no Brooklyn, eu e minha irmã andando de mãos dadas, a via láctea do céu de Machu Picchu, a roseira amarela que plantei pra minha mãe em minha casa, a aurora boreal de Tromsø, a terra suspensa da transpantaneira, a neve suja da transiberiana, o vento frio de Estocolmo, a folha da Bodhigaya que caiu na minha cabeça. No seu córrego desembocam as águas do Rio Negro, do Rio Nilo, de Giverny, de Elafosini, de Aiuruoca, da Reserva do Cristalino.

Ele é feito de capim dourado do meu jardim de cerrado.